

***Ethos, piadas e personagens femininas:
identificando as imagens da mulher no gênero
piada***

Rony P. G. do VALE *
(Faculdade de Letras – UFMG)

Resumo: Neste artigo, nossa proposta é mostrar como a categoria de *ethos* pode ser utilizada como “ferramenta” de análise na busca das representações sociais sobre o sexo feminino no gênero piada, focando principalmente a construção das personagens femininas e as relações que estas possuem com outras personagens. Retomamos, para isso, as noções de *ethos* discursivo, de *ethos* prévio e de *cenografia* propostas por Dominique Maingueneau às quais aliamos alguns princípios de análise da Teoria Semiollingüística de Patrick Charaudeau. Desse modo, a partir das enunciações das personagens do gênero piada, pretendemos apontar uma possibilidade de análise dos diferentes *ethé* da mulher cujas bases se apresentam fundadas nas representações sociais.

Palavras-chave: *ethos*; piadas; representações sociais.

Abstract: Our proposal with this article is to show as the *ethos* category it can be used as “analysis tool” in the search of the social representations about the woman in the gender joke, focalizing mainly the feminine characters’ construction and the relationships that these possess with other characters. We retook, for that, the notions of *discursive ethos*, of *previous ethos* and of *scénographie* proposed by Dominique Maingueneau to which we allied some principia of analysis of Patrick Charaudeau’s *Semiolinguistic Theory*. Starting from the characters’ of the gender enunciations joke, we intended to appear a possibility of analysis of the woman’s different *ethé* whose bases come to appear founded in the social representations.

Keywords: *ethos*, jokes; social representations.

* Mestrando do programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos (2008-2010) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução

Pensando na diversidade de representações sociais ¹ pejorativo-preconceituosas presentes num gênero do discurso como as piadas, não é de se espantar que tal gênero possa causar certo desconforto ou até mesmo indignação dependendo do auditório: veja os exemplos de piadas de negros ou de homossexuais. Percebendo isso, propor um estudo desse tipo de gênero parece, à primeira vista, de fácil empreitada, ou seja, simplesmente caberia evidenciar o óbvio. Ledo engano. Por mostrar-se quase sempre de infinitas formas (várias cenografias ²), as piadas se tornam uma espécie de gênero discurso um tanto complexas por vários motivos, por exemplo: a vaguidão do léxico usado, o caráter sintético do texto, a diversidade de temas, as mais variadas estratégias para o efeito de humor (mecanismos cômicos), entre outros.

Diante disso e de um amplo universo das piadas circulantes em nossa sociedade, neste artigo, propomos elaborar um quadro teórico que nos proporcione estudar as piadas que, em seu conteúdo, a imagem da mulher aconteça de alguma forma, ou seja, buscamos modos de apreender a representação feminina presente nos textos de piadas, focando principalmente a construção das personagens femininas e suas relações com as outras personagens. Nesse ínterim, acreditamos que, operacionalizada como “ferramenta” de análise dentro do campo da Análise do Discurso, a categoria de *ethos* possa contribuir para esse fim. Contudo, para aumentar a precisão dessa categoria, a ela pretendemos aliar outras como os Modos de Organização do Discurso propostos por Patrick Charaudeau.

Para desenvolver essa análise, estruturaremos nosso texto da seguinte forma: na primeira parte, fazemos uma breve apresentação da categoria de *ethos*: suas origens na retórica e sua reformulação nos estudos discursivos; na segunda, mostramos algumas características do

¹ **Representações sociais**, conceito desenvolvido na Psicologia Social e proposto Serge Moscovici, são maneiras de se comunicar e de compreender a realidade. Com elas, “a sociedade se exprime simbolicamente em seus costumes e instituições através da linguagem, da arte, das ciências, da religião, assim como através das regras familiares, das relações econômicas e políticas” (MAUSS apud MINAYO, 1995, p. 92).

² A definição deste termo será apresentada na seção 2.1.

gênero piada e, além disso, outras categorias que auxiliam em nossa análise como: o conceito de cenografia de D. Maingueneau e os modos de organização P. Charaudeau. Por último, desenvolvemos um exemplo de análise aplicada a um texto do gênero piada.

1 Ethos: De Prova Retórica à Estratégia Discursiva

A categoria de *ethos* remonta à Antigüidade clássica, mais propriamente à Retórica. Em seu sentido aristotélico, *ethos* era considerada uma das provas retóricas juntamente com o *logos* e o *pathos*, funcionando como um argumento persuasivo em favor do orador. Por meio desse argumento, o orador poderia se mostrar portador de qualidades como a prudência (*phronesis*), a virtude (*aretê*), e a benevolência (*eunóia*). Desse modo, para Aristóteles, o *ethos* era tido como o “caráter” ou a imagem que o orador, em seu discurso, “mostra” ou “constrói”, objetivando aumentar a adesão de um determinado auditório. Vemos, portanto, que o *ethos* para Aristóteles está diretamente preso ao discurso. Ainda na Antigüidade Clássica, como aponta Amossy (2005), os romanos, dedicando-se aos estudos retóricos, retomaram o conceito de *ethos*, mas ligaram-no à vida do orador (sua origem familiar, suas posses etc.), o que acarretou uma reformulação do conceito que passa a ser, agora, externo ao discurso. Essa problemática da especificidade intra/extra discursiva do *ethos*, como ressalta Amossy (2005), transpassará pelos estudos da retórica medieval, adquirirá um enfraquecimento durante o movimento romantismo e chegará aos estudos discursivos no século XX.

1.1 Ethos: a reformulação na Análise do Discurso

Mais exatamente com Dominique Maingueneau é que o *ethos* é reavivado como categoria análise dentro dos estudos discursivos. Para esse autor, o *ethos* pensado a partir de Aristóteles possui um caráter híbrido, uma vez que, por definição, constrói-se através do discurso que, por sua vez, necessita de uma situação de comunicação e de parceiros. Isso leva o *ethos* a se desenvolver em determinada conjuntura histórica, na qual a identidade dos parceiros será peça fundamental no desempenho/sucesso da argumentação do orador. Pensando dessa maneira, Maingueneau (2006), além de mostrar que a categoria de *ethos*

depende de outras categorias como os gêneros do discurso, ressalta que o *ethos* pode assumir características diferentes dependendo da forma como for apresentado pelo sujeito falante. Ao fazer isso, Maingueneau (2006) tira a exclusividade da pertença dessa categoria à arte retórica e passa a aplicá-la aos estudos dos diferentes discursos como o literário, por exemplo. Assim, como “ferramenta” de análise, Maingueneau (2006) propõe que o *ethos* pode possuir um caráter discursivo ou pré-discursivo:

O *ethos* de um discurso resulta de uma interação de diversos fatores: o *ethos* pré-discursivo, o *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), mas também os fragmentos de texto em que o enunciador evoca **sua própria enunciação** (*ethos* dito), diretamente (‘é um amigo que vos fala’) ou indiretamente, por exemplo, por meio de metáforas ou **alusões de outras cenas de fala**. A distinção entre *ethos* dito e *ethos* mostrado se inscreve nas extremidades de uma linha contínua, pois é impossível definir uma fronteira nítida entre o ‘dito’ sugerido e o ‘mostrado’. O *ethos* efetivo, aquele que é **constituído por um dado destinatário**, resulta da interação dessas diversas instâncias, cujo peso respectivo varia de acordo com os gêneros do discurso. (MAINGUENEAU, 2006, p. 270 – grifos nossos)

A partir dessa colocação, pode-se perceber – e nisso reside nosso interesse – que o *ethos* é uma construção complexa que se dá não somente através dos enunciados do sujeito falante, mas também de “outrem”: destinatários ou terceiros. Logo, também o que se diz do sujeito falante, juntamente como o gênero do discurso no qual se colocam os parceiros do ato de linguagem, pode contribuir para a construção do *ethos*, pois, de acordo com Charaudeau (2006), parte das informações necessárias para a construção de alguns *ethé* pode ser fornecida pela mídia a partir da história dos sujeitos e de suas identidades, ou seja, “Identidades discursiva e social fusionam-se no *ethos*” (CHARAUDEAU, 2006, p. 116). Disso, Charaudeau (2006) propõe a possibilidade da construção de uma tipologia de *ethé*, não exaustiva, em relação ao discurso político, baseada nas características sociais, psicológicas e físicas dos seres humanos, a saber: seriedade, virtude, potência, caráter, competência, inteligência, humanidade, solidariedade. A nosso ver, essas características arroladas por Charaudeau devem também ser vistas pelo seu lado negativo a partir

da falta ou do excesso, ou seja, que elas possam indicar (mostrar), por exemplo, um *ethos* de incompetência ou de fraqueza, entre outros, pela falta de competência ou excesso de solidariedade.

Com efeito, podemos deduzir que os *ethé*, dentro dos estudos discursivos e mais propriamente em Análise do Discurso, estão ligados diretamente a imagens cujas bases se dão nas mais diferentes representações sociais. Logo, a nosso ver, a categoria do *ethos* pode ser considerada como uma espécie de estratégia discursiva do sujeito falante que pode construir ou reformular sua imagem (sua representação) perante o sujeito ouvinte/leitor. Este, por sua vez, reconhecerá, por exemplo, os direitos de fala de um sujeito falante, validando ou não um ato de fala, a partir dessa mesma categoria, baseando-se não somente naquilo que é falado no ato de linguagem, mas também no seu conhecimento de uma imagem prévia do sujeito que fala.

2 Identificando os *Ethé* no Gênero Piada

O gênero piada é definido por muitos como uma narrativa curta de caráter humorístico que procura satirizar as mais diversas situações, tendo como alvos principais as camadas discriminadas da sociedade como, por exemplo: índios, homossexuais, estrangeiros, mulheres... Contudo, isso não impede que crianças, animais, políticos e/ou personalidades sejam alvo das piadas. Devido a isso, para nosso estudo, faz-se necessário um recorte no universo de temas e de personagens que esse gênero pode utilizar. Vamos, portanto, optar, aqui, por piadas, nas quais se possa identificar a presença de mulheres – como personagens ou temas –, o que não quer dizer que trataremos exclusivamente de “piadas de mulher”, mas de piadas que envolvam a imagem feminina de alguma forma. Com isso, procuramos ater-nos ao objetivo que é verificar se a categoria de *ethos*, entendida como estratégia discursiva, pode ser identificada (mostrada/ analisada), tendo como fim a construção das personagens e da imagem feminina, no gênero piada.

Admitido, portanto, que o gênero piada possui um *status* narrativo e ficcional, cabe a nós precisar qual enunciação analisaremos. Isso nos leva ao conceito de **cenografia** proposto D. Maingueneau.

2.1 Cenografia nas piadas: os diálogos do cotidiano

Sabendo que o *status* narrativo do gênero piada propõe que dentro dele haja uma simulação de enunciação ficcional no nível discursivo, nossa proposta não se preocupará com a enunciação dita “real” (de um sujeito falante que conta uma piada), mas se aterá ao nível ficcional, no qual as personagens dialogam e reproduzem diálogos do cotidiano. Isso posto, é relevante que se especifique que lugar é esse, ou melhor, como se dá a **cenografia** do gênero piada.

De acordo com Maingueneau (2004), podemos encontrar, em relação aos discursos, três tipos de cenas de enunciação, as saber: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A **cena englobante** se refere aos domínios discursivos nos quais um gênero pode se encontrar. Já a **cena genérica** se refere às características próprias de um gênero, ou seja, o papel dos parceiros do ato de comunicação, as circunstâncias, o suporte material, a finalidade, o estilo etc. Por fim, define-se a **cenografia** como uma particularidade de alguns gêneros de estabelecerem, em seu interior, “pseudo-cenas” de enunciação, isto é, buscando-se atingir o imaginário dos leitores/ouvintes, outras cenas genéricas são adotadas, o que possibilita, em certos casos, por exemplo, o hibridismo – mescla – entre gêneros.

No caso das piadas, devido às particularidades do discurso humorístico/ficcional (cena englobante), a cena genérica é, por natureza, especificada pela escolha de diferentes cenografias, isto é, especificada por uma reprodução de diversas situações de enunciação que representam diálogos do cotidiano. Com efeito, e obedecendo aos objetivos da análise aqui proposta, afirmaremos que nosso alvo serão as cenografias das piadas. Nestas determinaremos as situações de comunicação ficcionais possíveis que podem proporcionar a ocorrência dos *ethé* de mulher:

Quadro 1 – Situações de comunicação possíveis

Personagens	<i>Ethé</i> identificáveis	Exemplos
♀ e ♂	<i>Ethos</i> prévio e discursivo	Marido e mulher discutindo um assunto trivial.
♀ e ♀	<i>Ethos</i> prévio e discursivo	Duas amigas discutindo a vida alheia.
♂ e ♂	<i>Ethos</i> prévio	Dois homens falando de suas esposas.

No quadro 1, procurando uma generalização, colocamos as personagens caracterizadas por gênero (feminino/masculino), pois assim contemplam-se várias situações em que: a) pelo menos uma das personagens é do sexo feminino, o que nos possibilita identificar, através de denominações, qualificações e modalizações, tipos de *ethé* prévios e discursivos; b) não havendo personagem do sexo feminino, o assunto ou tema tratado é relativo a mulheres, o que nos possibilita identificar, neste caso, o *ethos* prévio da mulher presente no discurso do outro.

Apesar da circunscrição das situações possíveis, essas demonstram somente o lugar onde os tipos de *ethé* femininos podem ser encontrados. De fato, para identificar os diferentes *ethé*, faz-se necessário trazer outras categorias de análise que possam evidenciar o *ethos* da mulher a partir do discurso. Desse modo, optamos pelos **Modos de Organização do Discurso** propostos por P. Charaudeau: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Sobre eles é importante ressaltar que, embora organizem categorias da língua, os M.O.D.s não são categorias lingüísticas propriamente; pelo contrário, eles são categorias do discurso que organizam categorias lingüísticas com o objetivo de atender às necessidades discursivas daqueles que pretendem se comunicar. Além disso, os M.O.D.s podem aparecer em qualquer tipo de texto, podendo, inclusive, se apresentar todos conjuntamente no mesmo texto, ou com a predominância de um modo somente (exemplo: os gráficos e as tabelas são predominantemente descritivos, enquanto que um artigo científico mescla vários modos ao mesmo tempo). Com efeito, selecionamos dois modos de organização que, a nosso ver, podem atender a nossa proposta, a saber:

- o M.O.D. Enunciativo: para identificação do *ethos* discursivo;
- o M.O.D. Descritivo: para identificação do *ethos* prévio.

2.2 Os modos de organização do discurso: enunciativo e descritivo

De acordo com Charaudeau (2008, p. 82), o M.O.D. Enunciativo tem como funções de base poder identificar: a) uma “*relação de influência* entre locutor os interlocutores num comportamento alocutivo”; b) “*revelar o ponto de vista do locutor*, num comportamento elocutivo”; c) “*retomar a fala de um terceiro*, num comportamento

delocutivo”. A cada comportamento acima mostrado corresponde, segundo Charaudeau (2008), a um ato locutivo: **ato alocutivo, ato elocutivo, ato delocutivo**. Além disso, pode-se associar a cada ato a categoria de **modalização**. Essa categoria conceitual e linguageira fornece a maneira ou o modo como o locutor modaliza sua fala em prol de seu objetivo. A essa categoria, Charaudeau associa várias subcategorias linguageiras chamadas **modalidades**, que mostraremos reproduzindo o quadro de procedimentos em Charaudeau (2008, p. 85):

Quadro 2 – Procedimento da construção enunciativa

Comportamentos enunciativos	Especificações enunciativas	Categorias da língua
Relação de influência (relação do locutor ao interlocutor) => ALOCUTIVO	Relação de força (locutor/interlocutor) +/-	Interpelação Injunção Autorização Aviso Julgamento Sugestão Proposta
	Relação de pedido (locutor/interlocutor) -/+	Interrogação Petição
Ponto de vista sobre o mundo (relação do locutor consigo mesmo) => ELOCUTIVO	Modo de saber	Constatação Saber/ignorância
	Avaliação	Opinião Apreciação
	Motivação	Obrigaçã Possibilidade Querer
	Engajamento	Promessa Aceitação Acordo/desacordo Declaração
	Decisão	Proclamação
Apagamento do ponto de vista (relação do locutor com um terceiro) => DELOCUTIVO	Como o mundo se impõe	Asserção
	Como o outro fala	Discurso relatado

Cada uma das categorias da língua (semânticas) elencadas no quadro 2 pode se materializar textualmente utilizando várias outras categorias linguageiras como, por exemplo, o uso de pronomes de tratamento “você” ou “tu” para indicar a relação de força num ato alocutivo, ou ainda, o uso expressões do tipo “é necessário”, “é evidente” etc. para marcar um distanciamento num ato delocutivo. Essas modalidades enunciativas, como já afirmamos anteriormente, poderão nos mostrar como uma personagem feminina, se dirigindo a uma outra personagem, conduz sua enunciação, caracterizando seu *ethos* discursivo como um *ethos* de força por meio, por exemplo, de uma injunção.

Já o M.O.D. Descritivo, ensina Charaudeau (2008), tem como função fazer surgir os seres no discurso a partir do uso de três componentes básicos: **nomear, localizar-situar e qualificar**. Destacaremos aqui os componentes nomear e qualificar.

Nomear, segundo Charaudeau (2008, p. 112), é “dar existência a um ser [...] através de uma dupla operação: percepção da diferença e classificação”. Temos, portanto, por essa categoria discursiva – Nomear – a forma como o sujeito estrutura o mundo, ou seja, o recorte que o sujeito faz da realidade transformando-a em real discursivo.

Qualificar, de acordo com Charaudeau (2008, p. 115), “é reduzir a infinidade do mundo, construindo classes e subclasses de seres”. Com essa categoria pode se mostrar, diferentemente de nomear, os graus de orientação a partir da subjetividade daquele que qualifica, ou seja, o sujeito dá qualidades aos seres de modo mais ou menos objetivo de acordo com o seu ponto de vista.

A essas categorias, Charaudeau (2008) associa várias categorias da língua das quais destacaremos a denominação e a qualificação objetiva e subjetiva. A **denominação** tem como função identificar os seres de um ponto de vista particularizado (nomes próprios) ou generalizado (nomes comuns). Os **nomes próprios** “permitem exprimir a intenção de identificar de maneira única e própria [...] os seres designados, em oposição ao nome comum que inclui dentro de um conjunto todos os seres da mesma espécie”³

³ Texto original: «...d’exprimer l’intention d’identifier de façon *unique et propre* (...) l’être désigné, par opposition au nom commun qui *inclut dans un ensemble* tous les êtres de la même espèce» (grifos do autor).

(CHARAUDEAU, 1992, p. 21 – tradução nossa). Isso quer dizer que os seres não são comuns ou próprios, no sentido ontológico, mas a “maneira” de designá-los. Portanto, a intenção do sujeito falante recai sobre essa operação lingüística.

Já **qualificação** é “um processo que consiste em atribuir uma propriedade a um ser [...], incluindo-o numa nova classe”⁴ (CHARAUDEAU, 1992, p. 326 – tradução nossa). A partir disso, podemos qualificar os seres por meio de dois processos: 1) qualificação dos seres – identifica os seres através dos seus estados qualitativos; 2) qualificação do fazer – identifica os seres através dos seus comportamentos. Esses processos de qualificação seguem diferentes visões do mundo, isto é, seguem as diferentes maneiras como o “homem” percebe e testemunha o mundo. Essas visões podem ser de três tipos: 1) **visão objetiva**: é construída a partir da percepção física dos seres (formas, cores, posição etc.), do conhecimento antropológico (sexo, idade, raça etc.) ou do conhecimento dos traços sociais (matrimônio, celibato, viuvez etc.). 2) **visão subjetiva**: é construída a partir de um julgamento que o sujeito falante faz baseado em sua apreciação. Essa apreciação pode ser: a) intelectual: apreciação que leva em conta uma característica ligada ao lado intelectual do ser (lógico, racional, rigorosos etc.); b) afetiva: leva em conta ora os comportamentos sentimentais (triste, alegre, aborrecida etc.), ora sensações (agradável, desagradável, boa), ora comportamentos psicológicos (nervosa, agitada, etc.); c) estética: julga a partir dos “cânones” de beleza (bela, feia, antigo, moderno etc.); d) ética: leva em conta a moral, os códigos de conduta, os deveres (bem/mal, correto/ incorreto, polida/não-polida etc.); e) pragmática: leva em conta os aspectos utilitários e práticos das ações humanas (útil/ inútil, prático etc.). 3) **visão objetiva relativa**: parte de uma percepção física dos seres, fazendo, ao mesmo tempo, uma avaliação que “depende de um sistema graduado cujo critério repousa sobre as normas relativas ao sujeito falante ou a um grupo”⁵ (CHARAUDEAU, 1992, p. 327 – tradução nossa), podendo ser alvo de constatação. Essa qualificação se

⁴ Texto original : «... un processus qui consiste à attribuer une propriété à un être [...], en incluant celui-ci dans un nouveau sous-ensemble. » (grifos do autor)

⁵ Texto original: «...dépende d'un système gradué don't le critère repose sur des normes relatives au sujet parlant ou à un group social»

dá em relação: a) à distância (longe/perto); b) à dimensão (grande/pequeno); c) ao peso (leve/pesado); d) ao movimento (lento/rápido).

Essas qualificações podem apresentar-se sob as mais diversas formas lingüísticas: de adjetivos a orações subordinadas adjetivas.

3 Um Exemplo de Análise

Nesta seção, procuraremos fornecer, sem a intenção de esgotamento do objeto, uma análise a partir do entrelaçamento das categorias de *ethos* e dos M.O.D.s. Seleccionamos uma piada que reproduz uma situação de comunicação suscetível de ocorrer entre um homem e uma mulher, como proposto no quadro 1:

- Quem é a mulherzinha bonita, que cozeu (*sic*) o bolso do marido?
- E que é o que a mulherzinha bonita andou procurando no bolso do marido? (ALMANAQUE CAPIVAROL, 1955, p. 28)

Devido a uma característica formal das piadas, isto é, a condensação de informações em um texto reduzido, sabe-se, a partir dos enunciados das personagens, que a cenografia simula um diálogo entre marido e mulher. Além disso, podemos pressupor que tal diálogo acontece depois de uma outra ação: o coser da calça do marido pela mulher. Utilizando as categorias do MOD Enunciativo, vemos que as duas personagens constroem suas falas usando atos delocutivos: apesar de se tratar de perguntas, os verbos indicam certo afastamento (temporal e pessoal) das personagens em relação a suas falas. Na cadeia de turnos, percebemos que mulher realmente se coloca em uma condição de inferioridade em relação ao marido, uma vez que usa de uma modalidade de “pergunta”, mesmo que essa possua um caráter de animosidade e/ou infantilidade. Contudo, essa pergunta pode ser interpretada como um ato de *pedido* em termos de contato, isto é, ela demanda que seu interlocutor tome seu turno e se comunique, dando origem a um diálogo; porém, ao fazer isso ela parece se colocar numa condição de inferioridade perante seu interlocutor (marido). Daí, em relação ao *ethos* mostrado (sugerido), esse *status* de inferioridade pode estar indicando um *ethos* de carência – uma representação social – muitas vezes atribuído às mulheres que, na década de 50, no Brasil (a propósito, o contexto social da piada analisada remonta aos anos 50: vide

referência), vivam presas aos afazeres domésticos (verificado pelo tipo de ação: coser uma calça) e sob a tutela do marido. Segue que o ato de coser, verbalizado na fala dessa personagem, corresponde, como coloca Maingueneau (2006), ao *ethos* dito, ou seja, ela diz, ao relatar sua ação, que é útil ao seu marido, ou seja, uma qualificação de cunho subjetivo e pragmático.

Na seqüência do diálogo, na enunciação e no enunciado do marido, percebe-se que seu ato delocutivo é uma espécie de “máscara” que disfarça uma asserção, logo, um ato que mostra sua reprovação da ação feita pela mulher: não mais a ação de coser a calça, mas o de procurar alguma coisa em seu bolso. Para isso, a personagem masculina usa estratégia de ironia ⁶ (ou um ato de indireto). Com efeito, tal operação resulta em outra modalidade: a avaliação negativa. Daí deduzirmos que talvez essa avaliação implique outra forma de *ethos* da mulher: o da não-confiança, imputada sobre a mulher que desconfia de seu marido.

Somando as essas relações, salientamos o uso do nome comum no diminutivo – “mulherzinha”. Este remete a uma imagem da mulher tida como uma criança dengosa a ser protegida (quando na enunciação da personagem feminina, logo *ethos* dito) e a imagem da mulher que é acusada de cometer uma “trapaça” (*ethos* prévio, na fala irônica do marido).

Considerações Finais

Como acabamos de ver, uma análise desse tipo, além de apontar para uma identificação de alguns tipos de *ethé* utilizados na construção de personagens femininas, ⁷ também pode ser indicativa das representações sociais (no caso do exemplo analisado, aliando-se a descrição da cenografia da piada e das enunciações das personagens ao contexto sócio-histórico no qual ela foi veiculada, isto é, meados da década de 50), nas quais se fundam esses mesmos *ethé*.

⁶ A análise das estratégias discursivas no gênero piada como fonte da construção das representações femininas nas piadas é o objetivo central de nossas pesquisas. Neste texto, entretanto, não daremos ênfase a sua análise por uma questão de tempo e espaço. O mesmo se coloca para o efeito cômico do gênero que, apesar de não ser o foco da pesquisa, será analisado como **meio** (e não como fim) para chegar às estratégias.

⁷ Nada impede que se amplie (*mutatis mutandis*) a outros tipos de personagens.

Referência Bibliográfica

ALMANAQUE CAPIVAROL 55. São Paulo: Impres, 1955. 32 p.

AMOSSY, R. Da noção de retórica de *ethos* à análise do discurso. In: _____. *Imagens de si no discurso: a construção de ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: os modos de organização do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. O ethos, uma estratégia do discurso político. In: _____. *Discurso Político*. Trad. Fabiana Komesu; Dilson Ferreira Cruz. São Paulo: Contexto, 2006. p. 113-163.

_____. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva; Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. O ethos. In: _____. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006. p. 266-290.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.) *Textos em representações sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 149-185.